

## SOBRE A EXPERIÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA ORIENTAÇÃO ESCOLAR

Sabrina Corrêa da Silva<sup>1</sup>  
Cassia Silene Cervi Anéas<sup>2</sup>  
Claudia Zanetti<sup>3</sup>

**Instituição:** Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X

**Modalidade:** Relato de Experiência

**Eixo Temático:** Trabalho e Educação

### 1. Introdução:

O ano de 2025 marca o início de um percurso de trabalho como Equipe Diretiva, à frente da Escola, o qual somos parte e responsáveis. Nesse sentido, entendemos que são muitos os desafios, sobretudo no que diz respeito às práticas de como desejamos construir os vínculos junto à escola – alunos, professores, funcionários, comunidade, para que o trabalho aconteça. Lançamo-nos neste desafio tendo como entendimento partilhado que nossas ações podem e devem contribuir para o processo, não só administrativo que também acontece na escola, mas em especial ao pedagógico. Assim, como professoras, nas funções de direção, supervisão e orientação, partilhamos do entendimento do quanto à escrita, a fala e a escuta são importantes. Vimos testemunhando sua relevância, sobretudo a partir do Projeto de Contação de Histórias, recorte que trazemos aqui, como relato de experiência, do que a orientação escolar vem desenvolvendo desde o início do primeiro trimestre, junto à turma multisseriada do primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental da escola. A experiência da leitura tem sido um tempo/espço fundamental para construção de respostas responsáveis para conhecer, acolher e agir juntos às crianças, uma prática educativa sensível de escuta, que possibilita valorizar suas posições no processo de desenvolvimento, bem como permitem acolher as necessidades que vão aparecendo.

<sup>1</sup> Orientadora Educacional na Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X, localizada na Vila Salto, na Cidade de Bozano, RS. Possui Doutorado em Educação nas Ciências, pela Unijuí, Mestra em Filosofia pela UFSM, graduada em Filosofia e Psicologia pela Unijuí. Pós-doutoranda, bolsista PROSUC/CAPES. Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação da CAPES - Políticas Afirmativas e Diversidade, Edital nº 17/2023. Pessoas com transtornos globais de desenvolvimento (TGD) no Ensino de Pós-Graduação *Stricto Sensu* no Brasil: políticas públicas para a inclusão educacional e profissional. Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>2</sup> Diretora na Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X, possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1996). É Pós-graduada em Educação Ambiental com ênfase em Meio Ambiente pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2004) e em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2017). É mestre em Ecologia na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões -URI - Campus Erechim.

<sup>3</sup> Coordenadora Pedagógica na Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pio X, graduada em Pedagogia pela Unijuí.

Muitos são os desafios vivenciados no espaço escolar, muitas são as concepções que atravessam o ambiente da escola sobre infância, mas aqui partimos do entendimento de que a criança não é um “vir a ser”, ela já é. E nos espaços de interação social, como é a escola, em especial, a sala de aula, elas constroem seus fazeres, seus desejos e suas necessidades (2021), por isso, a Contação de História, momento em que a orientadora e as crianças se reúnem, pelo menos uma vez ao mês e, a partir dos livros selecionados pela orientadora, os alunos escolhem a história a ser contada. A contação de história é um disparador para que cada um se coloque e assim, compartilhe suas vivências. Tal experiência se justifica por se tratar de uma turma de estudantes em processo de alfabetização, que estão iniciando o processo de leitura de modo mais elaborado e encontram-se num tempo de subjetivação em que a ampliação de repertórios é fundamental ao seu desenvolvimento e à sua constituição.

O Projeto intenciona desenvolver o gosto pela leitura, a produção de repertório, o compartilhar vivências, construir memórias e possibilidades de elaboração a partir da contação e da escuta entre colegas e a construção de vínculos. Dimensões que são de extrema relevância para a constituição subjetiva e cumprem preceito constitucional fundamental no que diz respeito ao direito à educação, a qual é prerrogativa para a dignidade humana e finalidade da Escola.

## 2. Procedimento Metodológico:

A atividade vem sendo realizada em torno de uma a duas vezes no mês, com a turma multisseriada do primeiro e segundo ano do ensino fundamental e acontece nos períodos depois do intervalo, no turno da tarde, às terças-feiras e/ou quintas-feiras. A orientadora leva os livros que traz de casa, faz a escolha por obras que abordam temas pertinentes, bem como clássicos como: “A árvore Generosa”, “Quem já”, “Menina”, “Uns e Outros”.

Orientadora e alunos sentam-se no chão da sala, no cantinho da leitura organizado pela professora da turma, cada um senta em sua almofada – cada um tem a sua bordada -, escolhem o livro e então é feita a leitura. No início, na construção do momento da contação de história, foi apresentado a girafinha, como objeto da palavra, que serve de organizador da roda para quando se quer falar, assim, eles procuram pegar a girafinha para se comunicar. No início, a leitura era feita pela orientadora, mas tão logo o projeto iniciou, os alunos pediram para fazê-la. Deste modo, a organização passou a ser da seguinte forma a cada encontro, uma criança lê. Durante a leitura, a orientadora faz intervenções a partir da história, são lançadas perguntas disparadoras e assim eles vão falando, esse é o momento mais rico e mais complexo, conseguir escutar e organizar os espaços de fala sem gritar, construindo com eles a importância de nos ouvirmos. Surgiu deles o pedido para que depois da leitura fizessem um desenho representando a história.

## 3. Resultados e Discussões

O Projeto de Contação de História segue acontecendo, os alunos toda vez que enxergam a orientadora na escola pedem se vai ter história, gostam sobremaneira, isso tem estimulado o interesse pela leitura, uma vez que todos disputam para ler. Deste modo, os resultados esperados começam a aparecer, ainda que o projeto tenha apenas um pouco mais

de três meses e vem sendo organizado, estruturado, uma vez que os acontecimentos na escola são dinâmicos, há dias programados em que o momento da história não acontece, ainda assim, os alunos pedem pela contação de história, disputam para ler, são estimulados, a partir da história a falar sobre suas vivências e os acontecimentos que a história os faz lembrar. Eles já identificam que é preciso fazer silêncio, o que denota além do interesse, o comprometimento pelo ambiente da leitura. Apontam uns aos outros quando estão falando sem o objeto da palavra, indicando que é preciso esperar e pegar a girafinha para falar. Essas ações são indicativas, sugestivas de que a construção dos afazeres, dos desejos e das necessidades pode se constituir através da contação de história; compartilhar experiências, falar das perdas, falar dos momentos que marcaram, das lembranças que tiveram em função do que leram, serem escutados pelos colegas, pela orientadora, é extremamente importante e aponta o caldo cultural/educacional de repertório, que essas crianças estão produzindo quando compartilham e, certamente farão diferença na constituição subjetiva de cada um. Ressaltamos ainda que essa experiência não produz efeitos apenas nos alunos, a orientadora também é afetada, de tal forma que seu olhar quanto sua posição como orientadora vive seus efeitos, o que como equipe diretiva, vêm ao encontro do trabalho que intencionamos desenvolver.



#### 4. Conclusão

Enfim, escrever é preciso, parafraseando Mario Osorio Marques, mas essa precisão não é simples, e não se dá sem tempo. A intenção de apresentar esse relato de experiência é justamente para materializar pela escrita essa atividade tão potente e que compõe o cotidiano da escola – como projeto da Equipe Diretiva -, no sentido de que ler na escola é condição sine qua non para o desenvolvimento integral dos estudantes; mostrar a potência e a beleza de quando nos autorizamos olhar e escutar o que acontece no tempo/espço da contação de história, para cada criança, uma vez que, parafraseando Antonio Prata, citando Otto Lara Resende, “só as crianças e os poetas têm os olhos atentos ao espetáculo do mundo”.

A possibilidade de reconhecer a complexidade que é gerir um grupo de nove crianças – o que é um privilégio, levando em conta as salas de aula com mais de quinze alunos -, e que ainda assim da trabalho, que não é sem trabalho e investimento que

acontece uma aula com efeitos de aprendizado. Desenvolver o gosto pela leitura passa, antes e ao mesmo tempo, pelo modo como nós nos relacionamos com os livros, sobre como nós nos apresentamos às crianças, sobre o que nos leva a escolher os títulos que a orientação traz à escola para que as crianças escolham. Criar espaços para compartilhamento de histórias e memórias envolve saber escutar, lidar com as vozes todas ao mesmo tempo tentando fazerem-se ouvir, reconhecer que as crianças são ativas e curiosas e que as práticas pedagógicas, assim como a postura do professor, podem ser práticas que não sejam duras e pesadas.

Por fim, partilhamos do entendimento, como nos diz Kramer: “Sem desconsiderar o papel da escola de garantir os conhecimentos, reafirmo que essa garantia não será assegurada se os sujeitos do processo – crianças, adultos, alunos e professores – não puderem exercer aquilo que no faz humanos e nos move como tais: nossa capacidade de brincar, rir, sentir, cantar, dançar, interpretar e reinterpretar o mundo”. (2021, p.57). Este tem sido nosso trabalho, buscar construir, por meio da contação de história, um tempo/espaço de pertencimento às crianças para que o que há de mais precioso do humano que os habita, possa vir a ser no mundo.

## 5. Referências

KRAMER, Sonia. **Educação como resposta responsável**: Conhecer, acolher e agir/ Sonia Kramer. – 1.ed. – Campinas, SP : Papirus, 202.

PRATA, Antonio. **Nu, de botas** / Antonio Prata. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2013.